



24° ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Perspectivas Contemporâneas na Ciência da Informação
• Vitória - ES • Ancib • PPGCI/UFES



XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 5 – Política e Economia da Informação

A DESINFORMAÇÃO SOBRE AGROTÓXICOS E DESMATAMENTO NA NOVELA “VELHO CHICO”

THE MISSINFORMATION ABOUT PESTICIDES AND DEFORESTATION IN THE NOVELA “VELHO CHICO”

Taís Elaine da Silva – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)

Liz-Rejane Issberner – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: A crise ambiental global é marcada pela exploração insustentável da natureza para exportação de matérias-primas. Este artigo investiga as relações entre o Grupo Globo e o agronegócio, analisando como as telenovelas criam um imaginário favorável ao setor e disseminam desinformações sobre desmatamento e agrotóxicos, com destaque para "Velho Chico". Utilizando pesquisa bibliográfica e documental, foram analisadas quatro cenas da novela, revelando a promoção de uma imagem positiva do agronegócio, ocultando seus impactos ambientais e sociais, e usando desinformação para influenciar a opinião pública.

Palavras-chave: Crise Ambiental; Agronegócio; Desinformação; Rede Globo.

Abstract: The global environmental crisis is marked by the unsustainable exploitation of nature for the export of raw materials. This article investigates the relationships between Grupo Globo and agribusiness, analyzing how soap operas create a favorable imagery for the sector and disseminate misinformation about deforestation and pesticides, with a focus on "Velho Chico." Using bibliographic and documentary research, four scenes from the soap opera were analyzed, revealing the promotion of a positive image of agribusiness while concealing its environmental and social impacts and using misinformation to influence public opinion.

Keywords: Environmental Crisis; Agribusiness; Misinformation; Cultural Industry.

1 INTRODUÇÃO

O conceito de limites planetários busca estabelecer parâmetros seguros para a preservação da vida humana na Terra. Contudo, seis dos nove limites definidos por Rockström

et al. (2009) já foram ultrapassados: perda de biodiversidade, extinção de espécies, impactos de novos elementos como microplásticos e agrotóxicos, fluxos biogeoquímicos, clima, uso da terra e disponibilidade de água doce. Permanecem dentro de limites seguros o ozônio estratosférico, a carga de aerossóis atmosféricos e a acidificação dos oceanos. A violação desses limites está associada à intensificação do uso de recursos naturais por setores como o de energia, agronegócio e mineração, predominantes nos países do Sul Global¹. Esse cenário se insere no Antropoceno, uma era geológica marcada pela influência das atividades humanas sobre os sistemas naturais da Terra (Ellis *et al.*, 2018; Issberner; Léna, 2018; Steffen *et al.*, 2016; Waters *et al.*, 2016), o que evidencia a necessidade urgente de repensar a relação entre desenvolvimento econômico e vida.

Desmatamento, poluição, degradação e perda de biodiversidade são alguns dos danos causados por empresas desses setores, vitais para a economia brasileira. Diante da crescente destruição ambiental, surgiram movimentos sociais resistindo ao avanço desse modelo produtivo, em meio a conflitos e violência contra populações tradicionais e pequenos produtores. O agronegócio também está associado ao uso de trabalho infantil, escravo, baixos salários e outras infrações. No entanto, sua face brutal é disfarçada por investimentos em desinformação para cativar o público, passando a ideia de que ele traz progresso e benefícios ao país.

Esse problema gera questionamentos como: Qual o papel da indústria cultural na construção de uma imagem favorável do agronegócio? Como o Grupo Globo promove essa visão, ignorando os danos sociais e ambientais? Quais crenças sobre o agronegócio são veiculadas em telenovelas? Essas questões direcionam aos objetivos desta pesquisa, que foram investigar as relações entre o Grupo Globo e o agronegócio, além de analisar as telenovelas veiculadas pelo Grupo Globo na criação de um imaginário coletivo favorável ao agronegócio no Brasil. Outro objetivo foi verificar os diálogos sobre desmatamento e agrotóxicos entre os protagonistas da novela “Velho Chico”, a fim de identificar e classificar as possíveis desinformações disseminadas pelos personagens da telenovela sobre esses assuntos.

¹ Sul e Norte Global não é apenas uma divisão geográfica, mas o resultado de uma história de exploração e dependência, onde os países que sofreram colonização, principalmente aqueles na América Latina, África e Ásia, são subordinados até os dias atuais ao capital global. Esses países são frequentemente os mais vulneráveis às consequências ambientais e sociais impostas pelo modelo econômico dominante, que privilegia o Norte Global, isto é, as nações colonizadoras (Santos, 2020).

2 METODOLOGIA

A fim de investigar as relações entre o Grupo Globo e o agronegócio foi realizada uma pesquisa exploratória sobre as empresas ligadas a Roberto Irineu Marinho, João Roberto Marinho e José Roberto Marinho. Com o intuito de identificar como as telenovelas auxiliam a criação de um imaginário coletivo favorável ao agronegócio foi realizada uma pesquisa documental no Centro de Memória Globo a fim de identificar todas as “agronovelas” transmitidas entre os anos 2000 e de 2020 e quais foram os assuntos recorrentemente abordados nessas tramas. Também nos inspiramos nas vertentes da Análise de Discurso de Pêcheux (1997) e Fairclough (2001) para analisar o *ethos* dos personagens donos de fazendas da novela “Velho Chico”. Ao aplicar essa perspectiva, buscamos observar como eles são construídos através de suas falas e interações, além de observar como esses personagens são percebidos pelos outros. Além disso investigamos como as relações de poder e ideologias se manifestam na linguagem, contribuindo para a formação da identidade e da credibilidade dos personagens.

Foi empreendida uma análise de fidedignidade das cenas selecionadas da novela “Velho Chico”, escrita por Benedito Ruy Barbosa. Esta análise foi inspirada nas realizadas pelas agências de checagem (*fact-checking*), como a Lupa², com o intuito de verificar o grau de veracidade das informações. Utilizamos bases de dados científicas e informações disponibilizadas por instituições governamentais para encontrar dados sobre desmatamento e uso de agrotóxicos e confrontá-los com aqueles apresentados nas cenas como verdadeiros.

A análise de fidedignidade foi conduzida em quatro cenas. Foram atribuídas etiquetas criadas pela Lupa (2015) para classificar as formas de desinformação encontradas: VERDADEIRO, MAS: a informação está correta, mas o telespectador merece mais explicações; EXAGERADO: a informação está no caminho correto, mas houve exagero; SUBESTIMADO: os dados são mais graves do que a informação; FALSO: a informação está comprovadamente incorreta.

3 A PRODUÇÃO DA IGNORÂNCIA SOBRE A CRISE AMBIENTAL GLOBAL

A exploração desenfreada da natureza pelos humanos nos levou à crise ambiental global, decorrente da ultrapassagem de vários limites planetários (Rockström *et al.*, 2009), o

² “Lupa tem duas frentes de atuação: Lupa Jornalismo, com reportagens, checagens, verificações e conteúdos especiais, e Lupa Educação, com oficinas, treinamentos, repositório de pesquisas sobre desinformação e ações de educação midiática em escolas, universidades, instituições e empresas” (Lupa, 2015).

que define uma nova era geológica: o Antropoceno (Ellis *et al.*, 2018; Issberner; Léna, 2018; Steffen *et al.*, 2016; Waters *et al.*, 2016). O conceito do Antropoceno permite refletir conjuntamente “[...] da história natural e da história humana, ou seja, as transformações geológicas e da biosfera, medidas em centenas de milhões ou bilhões de anos, e a história social e política, medidas em séculos” (Léna; Issberner, 2019, p. 7).

O Antropoceno resulta do modo predatório da civilização atual, seja pelo excesso de produção e consumo que esgota os recursos naturais do planeta e gera grande descarte de resíduos, seja pelo uso de energia fóssil. No Brasil, o modelo de produção agrícola baseia-se na exploração da natureza em redes de mercadorias pouco diversificadas, para inserção internacional sob os interesses de países do Norte Global. O agronegócio caracteriza-se pela integração de cadeias produtivas que organizam a produção e circulação de produtos agropecuários em larga escala, lideradas por grandes transnacionais que controlam territórios (Chã, 2018). Empresas como JBS, Raízen, Cosan, Marfrig, Cargill, Ambev e Bunge utilizam “múltiplas táticas no campo da comunicação e da cultura, investindo em campanhas midiáticas e ações de marketing que vão do plano nacional até o nível das comunidades” (Chã, 2018, p. 52). Essas táticas visam impedir a percepção dos danos causados pelo agronegócio à natureza, além da violência contra grupos que se opõem a essa forma de produção agrícola.

Atores com interesses políticos e econômicos ameaçados pelas questões ambientais adotam estratégias para confundir e polarizar o debate, defendendo seus interesses (Jacobi; Maia, 2016). O agronegócio tenta controlar a resistência dos cidadãos, dissimulando seu caráter predatório e sublinhando sua imagem tecnológica produtivista e moderna (Fernandes; Molina, 2005), como anuncia o *slogan* da TV Globo: “Agro é tech, agro é pop, agro é tudo”.

3.1 Geração de ignorância e desinformação a serviço do agronegócio

Para entender um regime de informação, Gonzáles Gómez (2012, p. 44) afirma ser necessário “analisar as relações entre uma pluralidade de atores, práticas e recursos, à luz da transversalidade específica das ações, meios e efeitos de informação.” Frohmann (1995) define um regime de informação como um sistema onde a informação “flui através de canais específicos de produtores, via estruturas organizacionais, para consumidores específicos.” Para Frohmann, descrever um regime de informação é “mapear processos que resultam em estabilizações provisórias de conflitos entre grupos sociais, interesses, discursos e artefatos científicos e tecnológicos.”

O agronegócio possui dinâmicas informacionais que ocorrem por múltiplos dispositivos e atores, que se atravessam e mutuamente se influenciam, o que caracteriza um regime de informação próprio (Silva, 2020). Esse regime é derivado de disputas travadas no campo cultural e político e abrange as normas e uma hierarquia de valores a serem seguidos na produção da informação e na sua disseminação (Silva, 2020). Além dessas, o agronegócio cria ainda outras dinâmicas informacionais almejando a produção e propagação de desinformação, com a intenção de produzir ignorância. Cantores do “agronejo” como Ana Castelo e Loubet, atores e autores das “agronovelas” como Antônio Fagundes e Benedito Ruy Barbosa e políticos da Frente Parlamentar da agropecuária brasileira produzem e disseminam informações que fortalecem a imagem do agronegócio, assim também como desinformações com a intenção de enfraquecer e descredibilizar informações e atores que alertam quanto os danos causados pelo setor à natureza. Novos dispositivos e canais como *smartphones* e o *Youtube* são utilizados em conjunto com os dispositivos e canais que os precederam, como a televisão e as redes de televisão.

A ignorância pode ser interpretada por mais de um aspecto. Proctor (2008) aponta três formas de ignorância: como forma nativa, vista como o estado onde o conhecimento ainda não se instalou, cenário que estimula a investigação; como construção seletiva, uma vez que as investigações são seletivas, o que ser deve ser conhecido e o que deve ser ignorado depende dos interesses das forças hegemônicas; e como produção ativa, quando a ignorância pode ser planejada como parte de um plano deliberado, como acontece com os segredos científicos, comerciais e militares, mas também quando a ignorância é intencionalmente criada através da manipulação da informação. Propositamente, a informação pode ser fraudada por diversas táticas a fim de gerar vantagens econômicas, políticas e éticas, por exemplo.

Vivemos uma era de desordem informacional gerados por transtornos informacionais, dentre eles a desinformação, definida como “conteúdo intencionalmente falso e criado para causar danos” (Wardle; Derakhshan 2021, p. 10). É motivado por três fatores distintos: “ganhar dinheiro; ter influência política, internacional ou nacional; ou causar problemas por causa disso” (Wardle; Derakhshan, 2021, p. 10). “A desinformação é um sistema informacional que molda a opinião pública de acordo com seus interesses utilizando uma série de artifícios e mecanismos para manter a hegemonia” (Brisola; Bezerra, 2018, p. 8). A desinformação pode ocorrer por negligências deliberadas ou inadvertidas; uso do sigilo, supressão ou destruição

de documentos; enaltação de tradições inquestionáveis; e uma variedade de formas devido a inerente diversidade política cultural das sociedades (Issberner, 2018).

O conceito de Indústria Cultural (Adorno; Horkheimer, 1944) crítica à massificação e comercialização da cultura em sociedades capitalistas. Nesse processo, as produções culturais, como filmes, músicas, programas de TV e livros, são padronizadas e produzidas em massa para atender ao mercado e gerar lucro. A cultura produzida desta maneira uniformiza os comportamentos e os desejos. A cultura massificada acarreta numa incapacidade crítica do público, o que, para Adorno e Horkheimer (1944), contribui para a alienação da sociedade. Marcuse (2015) concorda que a indústria cultural integra as pessoas em uma lógica unidimensional, onde a crítica e a oposição ao sistema capitalista são absorvidas e neutralizadas. Produtos como novelas possibilitam a disseminação dessa cultura de massa e de desinformações sobre uma série de assuntos, inclusive os ligados à crise ambiental. O agronegócio utiliza múltiplos veículos da indústria cultural para se autopromover, especialmente o meio televisivo, seja no telejornalismo, nas novelas, na publicidade ou no marketing (Chã, 2018).

4 INDÚSTRIA CULTURAL A SERVIÇO DO AGRONEGÓCIO: O GRUPO GLOBO

A Rede Globo lidera a audiência da TV brasileira com 36,6% do público, seguido pelo jornal impresso com 15,96% e pelo portal Globo.com com 73% de audiência (INTERVOZES e RSF, 2019). Bandeira e Nobrega (2019) destacam que o “sistema de mídia brasileiro tem alta concentração de audiência e geografia, falta de transparência e interferências políticas, religiosas e econômicas.” Outro ponto é que “parte dos proprietários dos principais meios de comunicação no país tem negócios no setor agropecuário” (Bandeira; Nobrega, 2019), como a família Marinho, dona do Grupo Globo e proprietária de fazendas. José Roberto Marinho, vice-presidente do grupo, é sócio de três fazendas.

A Fazenda Bananal Agropecuária, da família Marinho, ocupa 180 mil hectares em Paraty, Rio de Janeiro, próxima a áreas de proteção ambiental, dedicando-se ao plantio de frutas, madeiras, palmitos, criação de animais e turismo. A administração alega usar técnicas agroecológicas e garantir o bem-estar animal, mas é importante considerar o impacto ambiental e a concentração de terras. Modelo semelhante é visto na Fazenda Mangaba, na Bahia, onde pretendem construir um megaempreendimento ocupando 20% da Ilha de

Boipeba, na Mata Atlântica. A terceira fazenda, Guara Agropecuária, também no Rio, oferece serviços de agronomia e consultoria agrícola.

José Roberto Marinho é presidente da Fundação Roberto Marinho e membro do Conselho Consultivo do Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social. A Fundação Roberto Marinho (2025) afirma que seus projetos buscam uma sociedade mais sustentável, assim como o Instituto Ethos (2025), cuja missão é “mobilizar, sensibilizar e ajudar as empresas a gerirem seus negócios de forma socialmente responsável, tornando-as parceiras na construção de uma sociedade justa e sustentável.” Fica claro que a sustentabilidade é um valor que a família Marinho deseja associar aos seus negócios, promovendo a ideia de que o desenvolvimento sustentável é uma forma de enfrentar a crise ambiental global. No entanto, de forma contraditória, entre os associados do Instituto Ethos estão empresas como a Vale S.A., responsável por dois dos maiores desastres ambientais recentes no Brasil — os rompimentos das barragens de Mariana (2015) e Brumadinho (2019), em Minas Gerais. Outro parceiro é a JBS, gigante agroindustrial e uma das principais responsáveis pelo desmatamento da Amazônia, segundo a Global Witness (2020).

A campanha “Agro: a Indústria-Riqueza do Brasil” também busca engajar a opinião pública a favor do agronegócio. Com o *slogan* “agro é tech, agro é pop, agro é tudo”, essa propaganda ocupa espaço entre noticiários e programas de entretenimento do Grupo Globo, promovendo o agronegócio como um setor tecnológico, sustentável e vital para a economia e a produção de alimentos. A publicidade conta com 50 vídeos que destacam os variados produtos do agronegócio.

4.1 A agronovela “Velho Chico” e a imagem do agronegócio sustentável

A hegemonia do agronegócio como modelo agrícola não se deve apenas aos resultados econômicos e ao apoio político, mas também à sua atuação no campo simbólico e na construção de uma subjetividade coletiva (Chã, 2018). A tática de disfarçar propagandas ideológicas nas tramas das novelas é comum. Temas como conjuntura política nacional, questões urbanas e rurais, e o modelo de desenvolvimento frequentemente servem de pano de fundo para as telenovelas, sendo inseridos em momentos de descontração, quando os telespectadores estão, muitas vezes, sem seus filtros críticos (Villas Bôas, 2008 *apud* Chã, 2018). Essas obras ficcionais utilizam discursos persuasivos com o objetivo de influenciar os telespectadores a adotarem as crenças, atitudes e comportamentos, especialmente de

consumo, dos personagens. Os discursos das novelas refletem, assim, os interesses de seus produtores e patrocinadores.

Entre os anos 2000 e 2020, a Rede Globo transmitiu 46 novelas que tiveram o agronegócio e a mineração como enredo. Benedito Ruy Barbosa se destaca por escrever novelas que marcaram o imaginário brasileiro sobre o mundo rural. Nos últimos trinta anos (1990-2020), esse autor escreveu novelas com enredos desenrolados em cenários rurais, entre elas “Renascer”, “O Rei do Gado”, Terra *Nostra*”, “Sinhá Moça” e “Velho Chico”. A natureza é um elemento relevante para a construção das narrativas. É uma assinatura de Benedito Ruy Barbosa utilizar belas imagens dos ecossistemas como ligação das cenas. Contudo, nas suas obras, a natureza é constantemente minimizada à paisagem e a espaço produtivo. A terra é representada como algo a ser dominada e fecundada, enquanto o agricultor deverá possuí-la e semeá-la em busca de um futuro de sucesso (Junqueira, 2017).

A leitura das sinopses das novelas escritas por Benedito Ruy Barbosa possibilitou a identificação de 21 assuntos recorrentes em suas tramas relativos ao modelo de produção agroindustrial: caça de animais; comércio de produtos agrícolas; cooperativa de produtores; coronelismo; corrupção política; degradação do meio ambiente; direito dos trabalhadores; disputas de terras; dominação da natureza; fazenda pecuarista; fazenda cacaueteira; fazenda vinícola; fazenda de algodão; fazenda frutífera; grilagem; herança; imigração italiana, portuguesa, espanhola e de judeus; industrialização brasileira; Movimento Sem-Terra; rodeio; e trabalho escravo. Os assuntos relativos ao agronegócio abordados na novela “Velho Chico” são o comércio de produtos agrícolas; cooperativa de produtores; coronelismo; corrupção política; degradação do meio ambiente, disputa de poder; disputa de terras; dominação da natureza; e herança.

Quatro donos de fazenda integram o núcleo dos personagens principais: coronel Saruê, Maria Thereza, Santos dos Anjos e Miguel. O *ethos* do Coronel Saruê representa o rico, poderoso e influente produtor agrícola brasileiro. Além da fazenda, o título de “Coronel” é passado por gerações. O uso da violência e a cooptação do Estado são estratégias utilizadas pelo agroprodutor para manter sua hegemonia. A visão sobre natureza deste personagem é utilitarista. Em uma cena, Maria Tereza, filha do coronel, fala que o pai “não está preocupado em preservar nada, muito menos a caatinga” que para ele “essa terra [caatinga] não presta para nada, nem para encher os olhos”.

Maria Tereza exprime o *ethos* do produtor agrícola empresarial. Sua função é gerenciar as vendas da produção da fazenda. Está sempre atenta aos padrões de qualidade internacional e promove um discurso que atrela o desenvolvimento de sua fazenda com o bem-estar social da região. Ela introduz a discussão sobre o uso de agrotóxicos, demonstrando-se a favor do seu uso, desde que sejam nos padrões internacionais estabelecidos. Por mais que ela participe de diálogos sobre sustentabilidade com outros personagens durante o desenrolar da trama, não é feita a associação direta entre os danos causados à natureza e as práticas agrícolas adotadas em sua fazenda.

Santo dos Anjos representa o *ethos* do grande produtor rural honesto, dedicado e preocupado com o desenvolvimento das fazendas da região. Perseguido pelo Coronel Saruê, Santo cria uma cooperativa de produtores agrícolas a fim de superar os entraves comerciais praticados por Afrânio. Assim, como acontece com Tereza, mesmo quando o personagem participa de diálogos onde o foco foi a degradação da natureza, não foram realizadas associações diretas entre o agronegócio e a deterioração do meio ambiente.

Tereza e Santo, ao contrário de Coronel Saruê, não são associados a esquemas de corrupção e uso da violência. Essas práticas, comuns aos velhos coronéis donos de fazenda, não são repetidas pela nova geração dos agros empreendedores. Uma característica marcante nos dois personagens é o respeito às normas e às leis. Tereza luta contra o pai para adequar o uso de agrotóxicos aos padrões exigidos pelo mercado internacional. Santo reúne os produtores rurais em uma cooperativa para competir com o maior produtor da região no lugar de pegar em armas. Os dois personagens também demonstram interesse em promover projetos de moradores visando o desenvolvimento, nos moldes capitalistas, da comunidade.

O discurso da novela pode levar à interpretação que o agronegócio com o passar dos anos, gradativamente e voluntariamente, abandona práticas como a violência e corrupção política. Essa interpretação é contrária a realidade. A Comissão Pastoral da Terra (CPT, 2020) aponta que onde o agronegócio avança os índices de violência crescem. O agronegócio segue a lógica da expansão territorial: destrói o meio ambiente e se apropria das terras dos pequenos agricultores, dos posseiros e das comunidades originárias. Em 2020, ocorreram 178 invasões de territórios agrícolas, atingindo o total de 55.821 famílias. Uma parcela de 54,5% dessas áreas era indígena, 11,8% quilombolas e 11% de famílias posseiras. Esse número sofreu grande elevação, uma vez que em 2019 foram contabilizadas 9 invasões (CPT, 2020).

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

O agronegócio contemporâneo continua a possuir uma estreita relação com a política, influenciando as discussões e votações de pautas de interesse do setor. A Frente Parlamentar Agropecuária (FPA, 2020) é integrada por 39 senadores e 241 deputados federais e é financiada por mais de 44 entidades do setor produtivo agropecuário. Empresas agroindustriais como Bayer, BRF, JBS, Bungee, Cargill, entre outras que compõem as associações do agronegócio, cujos recursos custeiam o Instituto Pensar Agro (IPA), no que lhe concerne é o motor logístico da FPA e o principal braço da bancada ruralista (Arroyo, 2020).

A novela “Velho Chico” reforça a disseminação da ideia de mudança positiva do agronegócio com os personagens descendentes de Tereza e Santo. Miguel representa a terceira geração da família do coronel Saruê. Sua imagem é praticamente antagônica a de seu avô. Miguel pretende, de acordo com suas palavras em uma das cenas, “mudar a chave do agronegócio”. O título de sua tese de doutorado, “agronegócio sustentável e a convivência com o semiárido”, reflete o *ethos* de seu personagem na novela. Miguel representa um acadêmico, um doutor em engenharia agrônoma, como o futuro produtor agroindustrial da maior fazenda do Vale do São Francisco. Esse personagem defende a mudança do modelo agrícola da fazenda de seu avô para a agricultura sintrópica. Esse modelo busca recriar o ecossistema natural, anterior ao desmatamento realizado para a criação da lavoura. Não há uso de agrotóxicos nessa forma de produção.

A degradação do Cerrado e do Rio São Francisco entristecem o personagem de Miguel, porém seu discurso indica a manutenção da visão utilitarista da natureza compartilhada pelos seus pais e avô. Em uma das cenas Miguel fala: “se estudei o que estudei, foi para fazer da nossa terra uma terra abençoada. Um lugar melhor para se viver! Eu quero tornar o agronegócio mais rentável do que ele é e menos nocivo para natureza.” A natureza é sinônimo de terra agricultável para esses quatro personagens. A terra abençoada para esse agro empreendedor, é a terra que permite ele viver melhor e com mais rendimentos e não a terra preservada, onde a natureza recupera sua alteridade.

Levando-se em consideração esses aspectos apresentados, acreditamos que a novela “Velho Chico” retoma em sua trama assuntos relativos ao modelo de produção agroindustrial, recorrentes em outras novelas de autoria de Benedito Ruy Barbosa. A partir da interpretação do *ethos* dos principais personagens produtores agroindustriais, foi possível perceber uma mudança de postura geracional, sobretudo no que concerne à corrupção e utilização de violência no campo. Através do personagem Miguel, a trama tenta disseminar a ideia de que

o futuro do agronegócio é a sustentabilidade, mesmo que no passado esse aspecto não tenha sido considerado. A mudança de postura geracional sobre a ideia de natureza não representa uma transformação. O coronel Saruê, Tereza, Santo e Miguel compreendem natureza por uma visão antropocêntrica e capitalista. Por mais que Miguel busque a incorporação de técnicas agrícolas menos danosas ao meio ambiente, ela ainda é vista pelo personagem como meio de acumulação de capital via exportação de monoculturas.

4.1.1 Análise da fidedignidade das informações sobre agrotóxicos e desmatamento nas cenas da novela "Velho Chico"

Nos 45 capítulos analisados os agrotóxicos foram temas de algumas cenas protagonizadas por Maria Tereza ou Santo. O posicionamento de Tereza sobre o uso de agrotóxicos na produção das frutas é enviesado pelas necessidades dos compradores de sua mercadoria. Inicialmente na trama, ela não planeja parar de usar agrotóxicos na fazenda, mas sim esperar mais tempo para a colheita, para que assim, os níveis dos agrotóxicos cheguem nos parâmetros internacionais aceitáveis. Não ocorre a mudança para a produção orgânica na fazenda do Coronel Saruê. Santo é relutante à ideia da sua filha, Olívia, de mudar a produção para o manejo orgânico. Ele argumenta que não tem tempo e dinheiro para arriscar. Santo lentamente é convencido a permitir a mudança. Os argumentos embasados nos benefícios à natureza para interrupção do uso de agrotóxicos não foram suficientes para convencer Santo. O personagem só começa a se interessar realmente pela produção sem agrotóxico quando percebe que mudando a técnica, ele deixaria de ser concorrente direto do Coronel Saruê e teria um novo nicho de mercado, expandindo seu negócio.

A palavra desmatamento não foi falada por Maria Tereza nem por Santo em nenhum capítulo analisado. Nenhum diálogo ou reflexão foi feito diretamente sobre o assunto. O personagem de Miguel usa a palavra “derrubar” para se referir ao desmatamento do Cerrado que ocorre antes do que ele chama de “roça”. Miguel conversa com sua mãe sobre o seu objetivo em retornar para a fazenda de seu avô. O seu desejo é “mudar a chave do agronegócio” tornando esse modo de produção mais “rentável do que ele é, e menos nocivo para natureza”. A fala do personagem condiz com a ideologia que o agronegócio “na vida real”, onde busca fortalecer sua imagem junto a população e, principalmente, para mercado internacional.

**XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024**

O discurso da novela induz o telespectador a acreditar que agronegócio pode ser sustentável dependendo da técnica aplicada, além de deixar implícito que todos os consumidores, sem distinção de classes, podem ter acesso a esses produtos. É insustentável a ideia que é possível mudar a chave do agronegócio apenas considerando a mudança da técnica agrícola. O agronegócio segue a lógica da produção intensiva objetivando exportação de seus produtos. Seu objetivo é o lucro. A mudança precisa ir além da técnica. É insustentável imaginar um agronegócio que preserve a natureza quando a projeção dada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) (2017) é de manutenção do ritmo de crescimento das áreas agricultáveis nos próximos 10 anos, o que leva conseqüentemente, o crescimento do desmatamento no Brasil. Na tabela 1, apresentamos as informações disseminadas nas cenas e o resultado da análise de fidedignidade realizadas.

Quadro 1 - Análise de fidedignidade

DISCURSO	TAG	ANÁLISE DE FIDEDIGNIDADE
Cena 1: Agrotóxico só deixa de ser defensor e vira veneno quando é usado além da quantidade segura ou no momento inadequado do plantio	-VERDADEIRO, MAS; - SUBESTIMADO.	- Limite Máximo de Resíduo não considera a interação de mais um tipo de agrotóxicos; - Existência de pesquisas científicas comprovando efeitos nocivos dos pesticidas em qualquer dose; - O Ministério da Saúde brasileiro (2019) alerta que a exposição aos agrotóxicos é considerada um grave problema de saúde pública.
Cena 2: Cultivo orgânico é o futuro do agronegócio	- VERDADEIRO, MAS; - EXAGERADO;	- Apenas 1,4% da área agricultável no mundo é destinada a essa forma de produção; - Certificação para exportação é cara e burocrática; - A comercialização de alimentos orgânicos tende a atender ao consumidor com maior poder aquisitivo; - As mudanças nos processos produtivos visando a redução de impacto ambiental precisam considerar a forma de transporte e destruição de alimentos, além das alterações do sistema de manejo e a substituição do uso dos agrotóxicos por insumos biológicos.
Cena3: As prefeituras podem usar as contas públicas de modo a ajudar os pequenos produtores orgânicos	- VERDADEIRO, MAS;	- Estas leis buscam mitigar alguns danos causados pelo modelo de desenvolvimento financeirizado no campo adotado no Brasil; - A Constituição brasileira entende a natureza como uma externalidade a sociedade e não onde a sociedade se insere; - PL do veneno deseja impedir a criação de medidas estaduais e municipais que restringam os agrotóxicos.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

Cena 4: O povo quando vai plantar a roça derruba tudo.	- FALSO.	- O desmatamento maciço ocorrido no Cerrado não foi e não é realizado pelos povos originários, mas sim por grandes fazendas integrantes da cadeia agroindustrial; - As comunidades de Fechos de Pastos se baseiam no uso comum de terras para a criação de gado, plantas alimentícias e medicinais. Essas comunidades viveram por séculos em harmonia com o meio ambiente sem a presença do agronegócio; - As taxas de desmatamento do Cerrado aumentaram a partir da segunda metade dos anos 1990, mesmo período da expansão da fronteira agrícola para a região do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia (MATOPIBA).
--	----------	---

Fonte: Silva (2021)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho traz elementos que demonstram que a produção de ignorância e desinformação é praticada por meio das telenovelas da Rede Globo. Mostramos que o Grupo possui interesses vinculados ao agronegócio, sendo a família proprietária de fazendas. Não foi apurado, se além de interesses próprios, a família Marinho desfruta de algum benefício proveniente de terceiros, para veicular suas “agronovelas”. A análise da telenovela Velho Chico exemplifica táticas de desinformação apresentadas neste trabalho, que se encaixam bem ao veículo televisivo, como a adesão a sentimentos e afetos, bem como uma interpretação de mundo que já está pronta, entre outras.

A narrativa da novela deixa transparecer uma estratégia de contraposição de um tipo de agricultura que se apresenta como arcaica, violenta, predatória, simbolizada pelo Coronel Saruê e a agricultura dos dias de hoje, que é praticada por um personagem que tem estudos especializados, o que enseja uma parte do *slogan* agro é tech. Miguel, o neto do Coronel Saruê, é um rapaz jovem, sagaz, moderno, sintonizado com a sustentabilidade, o que reforça a outra parte do *slogan* o agro pop. Esse personagem foi projetado para conquistar o afeto da audiência, de forma sutil, ele visa passar a ideia de valores sustentáveis e éticos, muito inspirado num lema de mudar para continuar tudo como está³, contribuindo para incutir no imaginário coletivo nacional a ideia de que o agronegócio é algo para se ter orgulho. E mais ainda, a paixão entre o personagem Miguel e a Olívia envolve o telespectador que, ao torcer pelo romance do casal, é levado habilmente a se apaixonar pelo agronegócio sustentável. Dessa forma, caem em descrédito ou pelo menos geram dúvidas, junto a uma parcela da

³ Do célebre ditado "Se quisermos que tudo permaneça como está, tudo deve mudar!", proferido pelo personagem Tancredi, o aristocrático-revolucionário, no famoso romance de Tomasi di Lampedusa, *Il Gattopardo*.

opinião pública, as denúncias feitas por políticos, ONGs, mídia independente e outros atores sobre, por exemplo, o plantio em área de desmatamento ilegal, o uso intensivo de agrotóxicos, inclusive os proibidos em outras partes do mundo, bem como o desemprego no campo, provocado industrialização da lavoura, a invasão de terras indígenas e áreas de reserva, a violência contra agricultores familiares e populações tradicionais, são algumas das muitas entre várias notícias que dizem respeito ao agronegócio brasileiro.

Em suma, com sua narrativa de romantização do agronegócio, a novela "Velho Chico", juntamente com a campanha - Agro é Pop, agro é Tech, Agro é Tudo - foi capaz de induzir a crença de que o modelo de produção do agronegócio está renunciando, de forma gradual e voluntária, a práticas como a violência, a corrupção política e a exploração da natureza. Tais ideias acabam contribuindo para o negacionismo climático tão amplamente propagado no setor, dificultando a conscientização dos cidadãos sobre a urgência de medidas globais para impedir o avanço do Antropoceno, em parte causado pelo agronegócio predatório.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ARROYO, Priscilla. Multinacionais são financiadoras ocultas da Frente Parlamentar da Agropecuária. Observatório do agronegócio no Brasil, 2020. Disponível em: <https://deolhonosruralistas.com.br/2019/05/21/multinacionais-sao-financiadoras-ocultas-da-frente-parlamentar-da-agropecuaria/> Acesso em: 03 fev. 2025.

BANDEIRA, Olívia; NOBREGA, Camila. Agronegócio e mídia brasileira: aonde duas monoculturas se conectam. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/agronegocio-e-midia-brasileira-onde-duas-monoculturas-se-conectam/> acesso em: 03 fev. 2025.

BRISOLA, Anna; BEZERRA, Arthur Coelho. Desinformação e circulação de “fake news”: distinções, diagnóstico e reação. *In*: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 19., 2018, Londrina. **Anais** [...] Londrina: UEL, 2018. p. 3316-3330

CHÃ, Ana Manuela de Jesus. **Agronegócio e indústria cultural**: estratégias das empresas para a construção da hegemonia. São Paulo: Expressão popular, 2018

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. 2020: o ano do fim do mundo: como o conhecemos. o ano do fim do mundo... como o conhecemos. 2020. Disponível em:

<https://mst.org.br/2020/12/10/2020-o-ano-do-fim-do-mundo-como-o-conhecemos/#:~:text=como%20o%20conhecemos,->

[Dados%20parciais%20de&text=Para%20a%20conjuntura%20pol%C3%ADtica,ainda%20n%C3%A3o%20vistas%20na%20contemporaneidade](https://mst.org.br/2020/12/10/2020-o-ano-do-fim-do-mundo-como-o-conhecemos/#:~:text=como%20o%20conhecemos,-Dados%20parciais%20de&text=Para%20a%20conjuntura%20pol%C3%ADtica,ainda%20n%C3%A3o%20vistas%20na%20contemporaneidade). Acesso em: 03 fev. 2025.

ELLIS, E.C. *et al.* Evolving the Anthropocene: linking multi-level selection with long-term social–ecological change. *Sustain. Science*, n. 13, p.119–128, jan. 2018.

FAIRCLOUGH, Norman. **Linguagem e poder**. 7. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

FERNANDES, Bernardo Maçando. MOLINA, Mônica Castagna. O campo da Educação do Campo. IN: MOLINA, Mônica Castagna e JESUS, Sonia M.S.A. (Orgs.). **Por uma educação do campo**: contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo. 2. ed. Brasília, DF: Articulação Nacional “Por uma Educação do Campo”, 2005.

FROHMANN, B. Taking information policy beyond information science: applying the actor network theory. 23rd Annual Conference of the Canadian Association For Information Science, 7–10 de Junho, 1995, Edmonton, Alberta.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. Quem somos?. 2025. Disponível em: <https://www.frm.org.br/a-fundacao/quem-somos> Acesso em: 03 fev. 2025.

GLOBAL WITNESS. Carne bovina, bancos e Amazônia brasileira. 2020. Disponível em: <https://www.globalwitness.org/pt/beef-banks-and-brazilian-amazon-pt/> Acesso em: 03 fev. 2025.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Regime de informação: construção de um conceito. *Informação e Sociedade: estudos*, UFPB, 2012.

INSTITUTO ETHOS. O instituto. 2021. Disponível em: <https://www.ethos.org.br/sobre-o-instituto/missao/> Acesso em: 03 fev. 2025.

INTERVOZES; REPORTERES SEM FRONTEIRAS. Quem controla a mídia no Brasil? 2019. Disponível em: <https://brasil.mom-gmr.org/br/>. Acesso em: 03 fev. 2025.

ISSBERNER, Liz-Rejane; LÉNA, Philippe. Antropoceno: os desafios essenciais do debate científico. **O Correio da UNESCO**, [S. l.], n. 2, jun. 2018.

ISSBERNER, Liz-Rejane; LÉNA, Philippe. Antinomias do Antropoceno. **Boletim da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica**, Uberlândia, n. 38, jan. 2019. Edição especial.

JACOBI, Pedro Roberto.; MAIA, Roberta Assis. Challenges and strategies to strengthen relationship between science and politics regarding climate change. **Ambiente e Sociedade**, v.19, n.4 2016.

JUNQUEIRA, Antônio Hélio. Narrativas do rural brasileiro na obra teleficcional de Benedito Ruy Barbosa: territórios do imaginário do desejo e dos conflitos pela terra. **Mídia e Cotidiano**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, ago. 2017.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

LUPA. **Entenda as etiquetas da Lupa**. 2015. Disponível em <https://lupa.uol.com.br/institucional/2015/10/15/entenda-nossas-etiquetas> acesso em: 03 fev. 2025.

MARCUSE, H. **O homem unidimensional**: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada. São Paulo: EDIPRO, 2015.

OCDE; FAO. **Perspectivas Agrícolas 2017-2026**. Paris: Éditions OCDE. 2017. Disponível em: https://www.oecd.org/es/publications/ocde-fao-perspectivas-agricolas-2017-2026_agr_outlook-2017-es.html Acesso em: 05 fev. 2025.

PECHEUX, Michel. **A análise de discurso**: uma introdução. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PROCTOR, Robert; Schiebinger, Londa.(org.) **Agnotology**: the making and unmaking of ignorance. California: Stanford University Press, 2008.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 20. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020

SILVA, Carla Mota dos Santos da. **Dinâmicas Informacionais nas Redes Alimentares Alternativas**: estudo de caso da Associação de Agricultura Natural de Campinas e Região. 2020. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

STEFFEN, Will *et al.* Planetary boundaries: guiding human development on a changing planet. **Science**, [S.L.], v. 347, n. 6223, p. 1259855-1259855, 2015.

VELHO Chico. Direção: Luiz Fernando Carvalho e Carlos Araujo. 177 capítulos. Escrita por Benedito Ruy Barbosa. Grupo Globo, 2016.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Council of Europe, October 2017.

WATERS, Colin *et al.* The Anthropocene is functionally and stratigraphically distinct from the Holocene. **Science**, [S.L.], v. 351, n. 6269. 2016 Disponível em: DOI: 10.1126/science.aad2622 Acesso em: 05 fev. 2025.